

Um discurso da equidade e da desigualdade sociais em *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino¹

Marília Novais da Mata Machado
Faculdade Novos Horizontes
Lapip/Universidade Federal de São João Del Rei
marilianmm@terra.com.br

Mônica Pires dos Santos
Faculdade Novos Horizontes
monicapires@hotmail.com

RESUMO: Este artigo busca o discurso da equidade e da desigualdade sociais (Deds) implícito no livro *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino (1923-2004). Para tanto, faz uma análise do discurso, investigando o autor e sua época e examina um corpus construído a partir do livro. Adota como referenciais teóricos a teoria do vínculo social (Enriquez) e a noção de domínio social-histórico (Castoriadis). A análise revela uma sociedade desigual, extremamente estratificada, sujeita ao arbítrio de poderosos, com dominação de homens sobre mulheres e de primogênitos sobre irmãos mais novos. A igualdade surge apenas na miséria.

1. Introdução

Analisa-se aqui o livro *O grande mentecapto*, como parte de pesquisa mais ampla que busca o discurso da equidade e da desigualdade sociais (Deds) implícito em obras literárias. No caso de *O grande mentecapto*, é a sociedade mineira (relativa ao estado brasileiro de Minas Gerais) que está em pauta, com seus personagens-chave, suas cisões de geração e sexo, seus mandachuvas e zés-ninguém.

Na sua teoria do vínculo social, Enriquez (1990, p. 174) postula a prioridade e universalidade de uma classificação que está presente e ordena toda sociedade, a divisão senhor/escravo ou dominante/dominado. Da mesma forma que outras classificações – relativas a geração, sexo, idade, por exemplo, aquela que distingue senhor e escravo pode envolver apenas o reconhecimento de alteridades, pode ser reduzida a uma separação social ou implicar um sistema de dominação regido pela violência. No segundo e terceiro casos, é possível ocorrer a desigualdade social, definida aqui como a situação em que coexistem coletividades, grupos ou indivíduos que decidem sobre sua própria vida e aqueles que são sujeitados aos primeiros.

Com tal teoria em mente, percorre-se o livro em apreço, visando a desvelar a criação da sociedade (no caso, pelo escritor também mineiro, Fernando Sabino), a fim de explicitar como atuam essas classificações ordenadoras. Apreende-se assim a instituição imaginária da sociedade (CASTORIADIS, 1982) num discurso que possivelmente revela, também, as relações sociais cotidianas e reais.

Além da teoria do vínculo social, outro referencial teórico-metodológico é adotado na pesquisa, a noção de domínio social-histórico de Castoriadis (1982; 1987; 1999 e 2007). Essa noção envolve duas dimensões que são aqui tomadas como imprescindíveis para a condução de uma pesquisa do social: (a) a determinista, que capta estruturas mais ou menos estáveis e

¹ Este trabalho recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

dá conta de determinações múltiplas (históricas, geográficas, econômicas, culturais, sociais, lingüísticas) que atuam sobre a elaboração da obra e sobre a sociedade, e (b) a imaginária, que dá conta do novo, do contingente, do único, do instituinte, operacionalizada por meio da explicitação das significações imaginárias sociais tecidas pelo autor e pela sociedade e responsáveis pelas formas próprias que têm de estruturar e funcionar.

2. Metodologia

Para revelar o vínculo social, em especial o de equidade/desigualdade, suas determinações e sua instituição imaginária, utiliza-se metodologia inspirada em Pêcheux (1990a; 1990b) e Foucault (1987). Do primeiro, adota-se a noção de condições de produção do discurso, que leva à pesquisa sobre o autor, quem foi ele, por que escreveu aquela obra específica, para quem, o que esperava e desejava dela. Do segundo, adota-se a noção aparentada de formação discursiva, que leva a considerar a inserção da obra no seu tempo, local, situação cultural, social, econômica, lingüística.

Realizam-se os seguintes procedimentos: (a) Construção do corpus, ou seja, da unidade empírica sobre a qual as análises do texto são realizadas. Do livro, é extraído um resumo que conserva o enredo, a seqüência, exatamente as mesmas palavras do original e a especificação das páginas em que cada frase se encontra. (b) Levantamento de informações sobre o autor e sua época, em enciclopédias (Mirador, Larousse cultural e Itaú cultural), *sites* da *internet*, autobiografia (Sabino, 1988). Interessa conhecer o contexto de produção da obra. (c) Análise do corpus, diretamente na língua, com o uso de palavras-chave relativas a geração, sexo, raça, classe social e insígnias de poder, entre outras. Com isso, são levantadas seqüências discursivas, unidades de registro do tamanho da frase ou maiores. (d) Articulação da análise textual com as condições de produção do discurso, isto é, com as informações sobre o autor e sua época.

3. A narrativa

O grande mentecapto narra as aventuras de Geraldo Viramundo, desde o nascimento, na cidade mineira de Rio Acima, até a morte, aos 33 anos de idade. Geraldo é o caçula de 13 irmãos, filhos do português Boaventura e de D. Nina. O pai é dono de um pequeno armazém anexo à casinha em que vivem, à beira da estrada que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro.

Geraldo é uma criança como as outras, exceto que muito simplório, ingênuo, crédulo e dado a aventuras cujas conseqüências não antecipa, como a de parar o trem de ferro, plantado sobre os trilhos. Daí a alcunha de grande mentecapto, embora ele seja capaz, também, de ditos astuciosos e respostas rápidas. O que lhe dá mais prazer é nadar no rio próximo.

Quando Boaventura pai constrói uma nova casa na cidade, deixa o armazém aos cuidados do filho mais velho, Breno. A família recebe a visita de um amigo antigo, o padre Limeira. Depois de muitas perguntas a Limeira, Geraldo decide que quer se tornar também padre. As coisas são arranjadas para que ele vá para o seminário de Mariana.

Nessa cidade, por acidente, o seminarista acaba ouvindo a confissão da viúva Pietrolina a respeito de suas numerosas paixões e casos sexuais. O acidente acarreta a expulsão de Geraldo Viramundo, com 18 anos, do seminário, a perseguição da população à viúva e ao

próprio Geraldo, que acaba jogado fora da cidade, tornando-se a partir dessa data um andarilho.

Dez anos se passam. Geraldo mora em Ouro Preto, sem profissão nem meios de sobrevivência definidos. Cai de amores, para o resto da vida, por Marília, a filha de Clarimundo Ladisbão, o governador da província, em visita à cidade para inaugurar obras. Os estudantes de Ouro Preto se deliciam com o caso e simulam cartas de Marília ao mentecapto, que as responde apaixonadamente, para o regozijo de todos.

Seguindo a comitiva governamental, Viramundo vai para Barbacena. Nessa cidade, tenta comprar rosas para Marília, faz amizade com Barbeca, um vendedor de esterco, é internado no hospício, onde se dá muito bem, mas prefere fugir, em nome da liberdade de ir e vir, aceita a candidatura para prefeito da cidade, mas acaba preso e transportado para o Esquadrão de Cavalaria de Juiz de Fora.

Viramundo torna-se recruta sob as ordens do capitão Batatinhas e é designado para lavar cavalos. Faz amizade com um tordilho com quem mantém longas confidências, o que lhe permite prestar informações a seu capitão sobre os movimentos e a namorada do tenente Fritas. Depois de participar de manobras de guerra e tornar-se herói, Viramundo volta à vida civil.

Cada vez mais esfarrapado, continua sua peregrinação pelas cidades históricas mineiras, vivendo sempre ao Deus-dará. Chega a Belo Horizonte, onde a viúva Pietrolina, agora chamada D. Lina e proprietária de uma pensão de mulheres, que o abriga e protege. Preso numa operação policial, quando se acha recolhido entre retirantes, debaixo do viaduto, o mentecapto é levado para a Cidade dos Mendigos, onde já está o amigo Barbeca, de Barbacena. Internado no hospital psiquiátrico sob os cuidados do Dr. P. Legrino, Viramundo reencontra o capitão Batatinhas, entre os outros loucos. O capitão treina ininterruptamente suas tropas, formadas pelos outros internos.

A reforma psiquiátrica que o Dr. P. Legrino leva a cabo é proibida pelo governador Ladisbão. Viramundo decide defendê-la. Ordena que o capitão Batatinhas, para quem ele é agora um coronel, reúna as tropas. São quinhentos homens treinados, divididos em pelotões uniformizados com pijamas de listinhas, comandados por sargentos e cabos. Marcham para a Casa dos Mendigos, onde nomeiam Barbeca comandante da legião de macacões azuis. Essa unidade de mil homens é engrossada por uma terceira, comandada por Brigitte, uma das prostitutas da pensão de D. Lina.

As legiões de loucos, mendigos e putas estacionam na Praça da Liberdade, em frente ao palácio do governador. Viramundo escreve o ultimato a Clarimundo Ladisbão: quer liberdade de ir e vir, ficar e sair para os mendigos, os doidos e as mulheres e, para os retirantes, quer comida e ocupação condigna.

Ladisbão, manhosamente, recebe o Estado-Maior, formado pelos comandantes Batatinhas, Barbeca e Brigitte, sob as ordens do coronel Viramundo, mas ordena que as tropas oficiais dispersem a multidão. No palácio, o grande mentecapto se encontra pela última vez com Marília, a amada filha do governador. Mas lhe anuncia: agora é tarde, Inês é morta.

Perdida a batalha, com Batatinhas e Barbeca, Viramundo decide levar suas reivindicações à capital federal. Marcham para o Rio de Janeiro. Dias depois, na altura de Rio Acima, a cidade natal do mentecapto, Batatinhas e Barbeca apropriam-se de toucinho, queijo e biscoito de polvilho em um armazém de beira da estrada. Viramundo está distraído, reconhece vagamente a paisagem, sente que está a ponto de cumprir o seu destino. Os amigos vão procurar água num rio próximo. Eis que chega o dono do armazém, Breno, e seus capangas para darem uma lição aos ladrões de comida. Espancam Viramundo até a morte.

4. O autor e sua época: as condições de produção do discurso

Fernando Tavares Sabino nasce em outubro de 1923, em Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais e morre no Rio de Janeiro, em outubro de 2004.

Na época em nasce, Belo Horizonte ainda é uma cidade pequena, as pessoas se conhecem e têm seus pontos de encontro, como o Café e Confeitaria Estrela, onde se reúnem os artistas, poetas e literatos. São os anos da política do “café com leite” que garante a sucessão de paulistas e mineiros na presidência da república. Essa ordem é contestada pela Aliança Liberal, que reúne tenentes e velhos políticos de Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba e lança a candidatura oposicionista do gaúcho Getúlio Vargas para a presidência. Mas o candidato oficial vence, usando a máquina governamental.

Sabino está sendo alfabetizado pela mãe e no Grupo Escolar Afonso Pena, quando ocorre a Revolução de 30 que inaugura a Segunda República e abala o poder das antigas oligarquias rurais. A presidência passa a ser ocupada pelo chefe rebelde Vargas, que inicia uma reviravolta da política nacional. O congresso é suspenso, a imprensa censurada e os governantes dos estados oposicionistas são substituídos por interventores federais (IGLÉSIAS, 1993), como é o caso, em Minas Gerais, de Benedito Valadares (1892-1973), que assume o governo com interventor, em 1933.

Inaugura-se outra fase da revolução, com a eleição da Assembléia Constituinte, que termina seus trabalhos em julho de 1934, ano em que Vargas é eleito presidente pelo Congresso. Em 1935, Benedito Valares é eleito governador de Minas pela Assembléia Constituinte Estadual.

Belo Horizonte cresce rápida e desordenadamente. São realizadas exposições de arte moderna, fundados jornais e criadas emissoras de rádio, como a Guarani, na qual Sabino se torna locutor de programa infantil. Em 1935, ingressa no Ginásio Mineiro e, no ano seguinte, com 13 anos, publica, em revista da Secretaria de Segurança de Minas Gerais, seu primeiro trabalho literário, um conto policial.

Movimentos de direita e de esquerda levam Vargas, com o apoio de militares, de alguns políticos e de governadores de estado, a interferir no processo sucessório e a instaurar o Estado Novo (1937), com nova Constituição. Em Minas, em 1937, Benedito Valadares é novamente nomeado interventor, posto em que ficará até o fim do Estado Novo, em 1945, quando Vargas é deposto por militares e políticos e novas eleições são convocadas.

Belo Horizonte se industrializa e recebe muitos migrantes vindos da zona rural. No Ginásio Mineiro, Sabino é um dos fundadores do jornal escolar, *A inúbia* (1938), é condecorado como melhor aluno da turma (1939), torna-se campeão mineiro de nado de costas, passa a colaborar com artigos, contos e crônicas para as revistas *Alterosa* e *Belo Horizonte*. Em 1941, publica o seu primeiro livro de contos e ingressa na Faculdade de Direito de Minas Gerais.

Entre 1941 e 1944, Sabino estuda direito, serve na Arma de Cavalaria do Exército, o que lhe vale um estágio de três meses como aspirante no Quartel de Cavalaria de Juiz de Fora, trabalha nas Secretarias de Finanças e de Agricultura de Minas Gerais como funcionário público, dá aulas de português no Instituto Padre Machado e convive com poetas e literatos mineiros: Hélio Pellegrino, de quem é amigo desde o grupo escolar, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Rezende, Murilo Rubião, Alphonsus de Guimarães Filho.

Em 1944, aos 21 anos, casa-se com Helena Valadares, filha do governador/interventor de Minas, no exercício da função desde 1933. Do sogro, recebe uma espécie de cartório, no Rio de Janeiro, para onde se muda e onde conclui seu curso de direito.

Em 1945, com outros intelectuais brasileiros, Sabino participa dos movimentos vitoriosos pró-eleições diretas, fim da censura e fim da ditadura. De 1946 a 1948, vive em Nova Iorque, para onde vai acompanhando a comitiva do poeta e diplomata Vinicius de Moraes. Trabalha para o governo brasileiro, no serviço comercial e no consulado, e envia crônicas para jornais no Brasil. Em 1946, no seu primeiro ano de Estados Unidos, inicia a escrita de *O grande mentecapto*, que é publicado somente em 1979.

Entre essas duas datas, o autor lança livros de crônicas, de contos, de relatos de viagem, colabora com jornais, revistas e televisão, funda casas editoriais, escreve roteiros de filme, trabalha como redator, torna-se, por dois anos, adido cultural da embaixada do Brasil em Londres, produz e dirige documentários, funda a Bem-te-vi filmes. De grande repercussão é o lançamento do romance *O encontro marcado* (1956), que o consagra definitivamente como escritor. Em 1957 termina seu casamento com Helena Valadares. A partir de então, ele abre mão do cartório e passa a tirar seu sustento unicamente do jornalismo e da literatura.

Em 1978, ele reencontra os manuscritos de *O grande mentecapto*, cinquenta e poucas páginas amareladas, segundo ele, engavetadas por 33 anos (SABINO, 1988). Em apenas dezoito dias termina o livro, entre choros e risos, encantado por seu personagem, usando-o como uma espécie de catarse contra sua própria loucura, como confessa.

Por mais de uma vez o autor se expressa sobre a inspiração do livro. Em texto autobiográfico, afirma: “Muita gente se surpreendeu quando afirmei que eu próprio era o Viramundo, o Grande Mentecapto” (SABINO, 1988, p. 173).

Detalha outras fontes de inspiração entre as quais a principal é Geraldo Boi, ex-seminarista que, da mesma forma que Viramundo, vive sem eira nem beira, a esmo entre intelectuais, políticos e estudantes, louco manso, de fala sagaz, que ora tira seu sustento da venda de jornais usados, ora de uma conversa jeitosa com seus conhecidos e amigos bem mais abastados ou, ainda, da bondade de alguém que lhe cede um cômodo para morar do qual, dentre em breve, ele se muda para outro. Sobre ele, o autor escreve: “Mais pobre do que Jô, ainda assim procurava andar arrumado, roupinha apertada e gasta”. (SABINO, 1988, p. 174).

Na autobiografia, o escritor resume suas fontes inspiradoras: “Na composição de Viramundo, juntei um pouco de Geraldo Boi, Carlitos, Lazarillo de Tormes, Gargantua, Dom Quixote, Jaime Ovalle, Vinicius de Moraes, Hélio Pellegrino e de mim mesmo”. (SABINO, 1988, p. 173).

No programa da TV Globo, *Roda Viva*, de dezembro de 1989, volta a seu personagem. Concorde que ele é uma mistura de uma série de personagens. Que tem muito a ver com amigos seus, mas sobretudo com Geraldo Boi, “que foi mais ou menos o protótipo, o arquétipo, vamos dizer assim, desse personagem, que era um seminarista, e que nós convivíamos muito com ele”. Acrescenta, entretanto: “E eu, principalmente, porque eu sou, realmente foi a maneira que eu tive de suplantar o doido que tenho dentro de mim, foi escrevendo esse livro. Eu acho que me curei bastante, melhorei pelo menos”.²

O livro faz sucesso imediato. Recebe, em 1980, o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Pouco depois é transformado em filme. A respeito dele, o poeta Carlos Drummond de

² <www.rodaviva.fapesp.br/material/278/entrevistados/fernando_sabino_1989.htm.254k> Acesso em: 07 de maio de 2009.

Andrade escreve: "Esta é uma obra de imaginação profundamente séria, e mesmo pungente, a despeito do autor, que a quis fazer burlesca e burlona, porém não resistiu à pressão interna dos personagens e das situações por eles vividas".³

5. Análise textual

O corpus contendo o resumo de *O grande mentecapto* tem 27 páginas, 12237 palavras, 58657 caracteres sem espaços. Sobre ele realiza-se a análise do texto.

O *discurso da equidade social* surge apenas quando se trata de igualdade na miséria. Por exemplo, embora mantendo no íntimo a sua individualidade, Viramundo desaparece no meio de uma multidão igualmente miserável de migrantes que se dirigem à cidade grande ou em meio a mendigos, como se vê nas seqüências discursivas obtidas com os marcadores de igualdade "Apenas mais um entre eles" e "os tornava iguais uns aos outros":

Quem o visse naquele trem sacolejante, vindo do sertão de Montes Claros a caminho de Belo Horizonte (...) não o distinguiria dos demais infelizes que o cercavam: rostos macilentos, corpos mirrados e sujos, crianças de nariz escorrendo e olhos remelentos, tudo sob aquela cor indefinível e encardida da miséria, olhares apáticos e o patético silêncio dos que já se acostumaram com o sofrimento. Viramundo é apenas mais um entre eles. (SABINO, 1979, p. 196)

Pôde enfim a polícia planejar a grande operação de recolher os abrigados sob o Viaduto, executada justamente na noite em que Viramundo ali foi ter.

Nem bem ele havia chegado, se viu perdido no tumulto de mendigos e retirantes, compelidos por guardas armados, aos empurrões, a entrarem nos grandes tintureiros (...).

Depois do desembarque, que se fez também com alguns empurrões, os guardas conduziram todos ao local de triagem (...). Alguns que já ali achavam tinham a cabeça raspada e vestiam todos uma espécie de macacão azul, o que os tornava iguais uns aos outros como um rebanho de estranhos animais. (SABINO, 1979, p. 204-205)

O *discurso da desigualdade social* é mais amplo e é apreendido, em especial, com três tipos de marcadores, relativos a: (a) diferenças entre classes sociais, (b) de gênero e (c) de ordem de nascimento.

No que diz respeito a *classe social*, surge no livro uma sociedade extremamente estratificada. O protótipo do estrato mais baixo é o próprio Viramundo, nascido Geraldo Boaventura e detentor de apelidos pouco enaltecedores como Geraldo Vira-Lata/ Geraldo Virabosta/ Geraldo Virabola (SABINO, 1979, p. 54). Quando se sente diminuído, em seus sonhos, toma o nome de José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva (os nomes, no texto, são importantes marcadores de classe social). Desde jovem, é colocado (ou se coloca, quixotesicamente) em situação de bode expiatório, o que o faz vítima de diversos espancamentos, como no episódio em Mariana em que defende a viúva contra os ataques da população.

Noutra vez, em Ouro Preto, quando erra sua fala numa representação teatral, é chamado de cretino "Você errou a hora, seu cretino!" (SABINO, 1979, p. 71) e "A surra que levou esta

³ Jornal *Estado de Minas*, 1º de dezembro de 1979.

noite talvez tenha sido das maiores de quantas colheu o grande mentecapto ao longo de sua castigada existência. Saiu do teatro diretamente para o hospital”. (SABINO, 1979, p. 73)

Adulto, está definitivamente no sopé da sociedade:

Era um homem completamente diferente do grande mentecapto, aquele que seguia pela estrada, em meio a uma leva de romeiros a caminho de Congonhas do Campo. Estava entre eles por mero acaso (...). Enquanto cegos, zabolhos, aleijados, pernetas, manetas, papudos, lázaros, estropiados e maltrapilhos seguiam cheios de esperança no coração, Viramundo desditoso e atormentado, era alguém que parecia nada mais esperar da vida. (SABINO, 1979, p. 158-159)

Além dele, outros personagens estão perto desse estrato social: Barbaca, o vendedor de esterco de Barbacena; os soldados de Juiz de Fora; João Toco, o prisioneiro de Tiradentes e o seu carcereiro; o cego Elias, amigo de Ouro Preto e romeiro em Congonhas do Campo, assassinado pela polícia e merecedor do atestado de óbito em que se lê: “Causa mortis – ignorada”. (SABINO, 1979, p. 164); a donzela Marialva, prostituta de Montes Claros, subjugada por seu rufião; Montalvão, o rufião; os retirantes que chegam a Belo Horizonte; os mendigos, os loucos e as prostitutas da mesma cidade.

Diversos outros personagens marcam uma classe intermediária, cada um com o seu nome ou profissão e o seu rosto: o padre Limeira, amigo de Boaventura-pai, responsável por encaminhar Viramundo para o seminário em Mariana; padre Tibério, com poder suficiente para expulsar o seminarista da cidade; o delegado de Mariana, que confunde sua própria pessoa com a lei; Carlinhos, o prefeito da mesma cidade; Dionísio e os outros estudantes em Ouro Preto; Herr Bosmann, o comerciante de rosas alemão, em Barbacena; os dois técnicos de enfermagem espadaúdos do manicômio, também em Barbacena, que se deixam enganar por Viramundo, disfarçado de médico, e que se colocam respeitosamente “- Às suas ordens, doutor” (SABINO, 1979, p. 93); as hierarquias militares intermediárias; dona Maria Eudóxia, a doceira de Leopoldina e alguns outros.

Diferentes do grande mentecapto, há os que pertencem a uma classe poderosa, como os egressos do Caraça, colégio religioso que forma governadores de estado e oligarcas rurais; o diretor do manicômio de Barbacena; o candidato oficial a prefeito dessa cidade, professor Praxedes Borba Gato, que perde no debate para Viramundo, ganha manipulando a máquina governamental e manda prender o oponente; o Estado-Maior do exército formado por três generais de nomes pomposos: “o general Passos Dias Aguiar, o general Jacinto Aquino Rego e o general H. Romeu Pinto” (SABINO, 1979, p. 130); o delegado e o legista de Congonhas do Campo, que camuflam o assassinato do cego Elias.

No topo da hierarquia está o governador/interventor, apresentado com grande ironia:

Por esta época Sua Excelência, o Governador Geral Clarimundo Ladisbão, senhor absoluto da província e que corria seus domínios seguido de grande comitiva, veio dar a Ouro Preto, o que foi ensejo de grandes festejos públicos, com graves prejuízos para os cofres municipais. Várias obras que se arrastavam pelos anos afora foram rapidamente ultimadas para que o senhor Governador as inaugurasse. (SABINO, 1979, p. 65).

Os marcadores de *gênero* (nomes próprios, especificação de sexo masculino ou feminino) mostram uma separação grande entre homens e mulheres. Os primeiros quase sempre são

donos de seu destino e as segundas são pobre-coitadas que vão para onde sopra o vento. Há duas exceções, no entanto: a já mencionada dona Maria Eudóxia, aparentemente criada à imagem de uma tia real do escritor. Outra, Marília Ladisbão, a bem amada filha do governador, descrita como “gentil senhorita de ricas prendas e bela de porte, esbelta de maneiras, moça de fino trato e esmerada educação”. (SABINO, 1979, p. 65). Porém, a própria Marília é objeto de um sonho de sujeição do Viramundo. Ele escreve para ela:

"Nunca gostei de ninguém mais, senão de vós: sois bela, sois formosa, cheirosa criatura! Não sois mulher que se disputa" (...) "Meu mundo é o da renúncia, das lágrimas e das dores: sou um pobretão. Nada vos poderei dar: romance, música, perfumes, jóias e berloques. Entremos para um convento: eu para um, vós para outro. Fugamos da tentação que nesta terra abunda." (SABINO, 1979, p. 75)

Cabe à negra Adelaide a situação de maior sujeição: “a infância de Geraldo Viramundo transcorreu como a de seus irmãos (...), ficou acordado de madrugada ouvindo o galo cantar sem saber onde, sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide e virou homem”. (SABINO, 1979, p. 11-12). A mãe do mentecapto, Dona Nina, é figura apagada, que quase sucumbe “ao peso de um feixe de lenha” (SABINO, 1979, p. 10), e que é dispensada sexualmente pelo marido, a fim de que não tenham mais filhos. As liberdades da viúva Pietrolina são uma ofensa “ao decoro da virtuosa família mineira” (SABINO, 1979, p. 35). O fantasma da moça da casa assassinada é outra figura feminina patética: “pôde distinguir um catre onde, metida num enorme e encardido camisolão branco, uma velha, estendida lascivamente como uma messalina, sorria para ele um sorriso desdentado”. (SABINO, 1979, p. 184)

Já os homens, exceto Viramundo, de qualquer estrato social, usualmente têm voz ativa, julgam e condenam, como se vê na seqüência discursiva que os mostra avaliando a culpa de Viramundo na morte de Pingulinha, pego pelo trem de ferro:

Entre os homens mais afastados, corria de mão em mão uma garrafa de cachaça, e um rumor se engrossava:
- ...se não fosse ele...
- ...peste de menino.
- ...é coisa que se invente? Só com o diabo no corpo.
- ...e em vez do filho da mãe morrer, quem morre é o outro.
- ...que não tinha nada com isso.
- Que não tinha. (SABINO, 1979, p. 25).

Finalmente, a *ordem de nascimento* também marca lugar na organização social e está relacionada, entre as instâncias discursivas sobre a desigualdade social, à violência maior em todo o texto. Em primeiro lugar, há que se lembrar do mais velho dos 12 irmãos de Viramundo, Breno, que “ajudava no armazém” da estrada (SABINO, 1979, p. 27) e que, depois, com a mudança da família para a cidade, é o herdeiro único do negócio do pai, pois ficam sob seus cuidados “a casinha da estrada e a venda”. (SABINO, 1979, p. 29).

Foi justamente pela mão desse mesmo irmão que Viramundo morre:

Nem percebeu quando alguém apareceu com uma corda e o amarraram na árvore, continuando a castigá-lo aos socos, pontapés e pauladas:
- Para você aprender a roubar a sua mãe, seu canalha.

Se Viramundo pudesse abrir os olhos (...) talvez reconhecesse o que falara, de nome Breno, e que era dono do armazém. (SABINO, 1979, p. 224).

O final do livro é, assim, trágico e cheio de conotações bíblicas, desde a idade da morte de Viramundo (a mesma da morte de Cristo), ao episódio de Caim, filho primogênito de Adão e Eva que, por ciúmes, assassina seu irmão Abel. (“*Geraldo Boaventura, 33 anos, sem profissão, natural de Rio Acima, foi enterrado como indigente numa cova rasa do cemitério local. Causa mortis: ignorada*”). (SABINO, 1979, p. 227)).

6. Considerações finais

As análises, tanto do texto quanto das condições de produção do discurso, mostram como o autor se vale de episódios da vida real da sociedade de seu tempo e os insere, com picardia, no romance. Entre numerosos outros exemplos estão: (a) o uso da máquina governamental nas eleições, o que ocorre tanto nos pleitos presidenciais e estaduais reais (como na vitória da situação que antecedeu a Revolução de 30), quanto na situação fictícia em que Viramundo é o ardiloso candidato que vence o debate para prefeito de Barbacena, mas perde o posto para o candidato da situação; (b) o incremento da migração rural-urbana daqueles dias, importante na história de Belo Horizonte, e introduzido no episódio fictício dos retirantes nessa cidade.

A relação entre autor e personagem, reconhecida como estreita pelo próprio escritor de *O grande mentecapto*, surge no prazer que tanto Viramundo quanto Sabino experimentam com a natação; no estágio de ambos, no Quartel de Cavalaria de Juiz de Fora; na paixão dos dois pela filha do governador, o que é, certamente, o que mais os aproxima.

A partir dessas considerações, é possível levantar a proximidade também entre a sociedade fictícia que surge no livro e a sociedade mineira da época: extremamente estratificada e sujeita ao poder arbitrário por parte de padres, delegados, policiais e governantes; sociedade dominada por homens, que oferece às mulheres poucas alternativas (doceira, de prendas domésticas), além de fazer uso constante da violência, inclusive no interior da família. Esse é o vínculo social que surge a partir da análise discursiva, vínculo ordenado pela desigualdade social e pela violência entre os que têm poder de mando e seus sujeitos.

O único discurso da equidade social que se detecta refere-se à igualdade na miséria. O discurso da desigualdade de refere à sujeição dos miseráveis ao arbítrio dos poderosos, à submissão da mulher ao homem e dos irmãos mais novos ao primogênito.

Referências

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 418p.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto / 2. Os domínios do homem*. Tradução José Oscar de Almeida Marques; revisão técnica Renato Janine. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 466 p.

CASTORIADIS, Cornelius. *Feito e a ser feito: As encruzilhadas do labirinto V*. Tradução Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 302 p.

CASTORIADIS, Cornelius. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 557 p.

DOSSE, François. *O império do sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: Edusc, 2003. 447p.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. 239p.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajatória política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990a, p. 61-161. PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas (1983). In GADET, F; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Jonas de A. Romualdo. Campinas: Editora da Unicamp, 1990b, p. 311-317.

SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. 31^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. 236p.

SABINO, Fernando. *O tabuleiro de damas: Trajetória do menino ao homem feito*. Rio de Janeiro: Record, 1988.